

UMA PEDAGOGIA PARA OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Aprender a ensinar e ensinar para transformar, eis as preocupações de Guillermo Orozco Gómez ao tratar do campo comunicação/educação

O professor doutor Guillermo Orozco Gómez, da Universidade de Guadalajara, México, pesquisador latino-americano dos processos de recepção dos meios de comunicação e da inter-relação comunicação/educação, concedeu-nos entrevista exclusiva para essa edição. Orozco Gómez nos fala de sua formação como educador das camadas populares, da importância da obra de Paulo Freire em sua formação e de suas pesquisas com crianças e televisão, tema no qual trabalha desde seu doutorado, nos anos 80. Desse trajeto resultam publicações importantes que têm ajudado a fundamentar um campo de pesquisas em comunicação na América Latina. Ainda em 1998, Orozco Gómez e pesquisadores de diversos países, coordenados por Klaus Jensen da Universidade da Dinamarca, publicam, em Londres, resultado de pesquisa internacional sobre a recepção que famílias de diferentes países fazem do noticiário internacional. Guillermo Orozco Gómez preocupa-se fundamentalmente com a educação para os meios e o papel da escola e do professor frente às novas tecnologias da comunicação, principalmente com a televisão. Ele vê a necessidade de a instituição escolar abrir-se para a multiplicidade da realidade, compartilhando com outras instituições sociais e tornando-se mais interessante para os alunos.

Por **Roseli Fíguro**

Revista Comunicação & Educação: *Professor, qual a sua formação e quais as suas principais preocupações, hoje, com relação ao campo da comunicação?*

Guillermo Orozco Gómez: Minha formação começou como comunicador e educador popular, na cidade de Guadalajara, em 1972. Enquanto tentava fazer algo relacionado aos meios de comunicação nas zonas marginais, nas favelas da cidade de Guadalajara, estudava no último ano da universidade. A partir dessa experiência de trabalhar em uma Organização Não-Governamental – ONG, percebi que era necessário conhecer pedagogia. Fui, então, fazer Mestrado em Pedagogia na Universidade de Colônia, na Alemanha, de 1975 a 1977. Regressei e estive trabalhando mais como educador e pesquisador da Educação do que da Comunicação. Entendi, porém, que minha preocupação principal era a Comunicação, por isso fui fazer Doutorado em Educação, mas em combinação com Comunicação. Assim, continuei ligado em Educação na Universidade de Harvard, EUA, onde fiz minha tese de doutorado sobre *Socialização múltipla da televisão: a família e a escola das crianças da educação básica*.

Voltando em 1985, dediquei-me à pesquisa de recepção. A hipótese principal em minha tese era de que a influência educativa da televisão se manifesta em qualquer tipo

de programa e não-somente nos de programação instrutiva. Estudei com os idealizadores de *Vila Sésamo*, que eram meus orientadores em Harvard, mas não me interessou a perspectiva de fazer programas educativos e sim entender a influência educativa da televisão não educativa, que me parecia o problema maior não só na América Latina como em qualquer lugar.

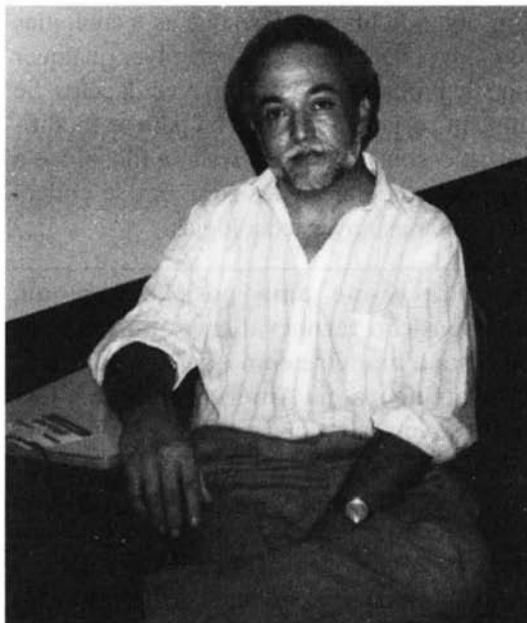
Minhas preocupações sempre estiveram, portanto, vinculadas ao educativo. Um dos autores que mais me inspirou e motivou foi Paulo Freire. Estudei toda a sua obra quando estava na Universidade. Como educador, tive de fazer um pouco o tipo de educação inspirado na metodologia de Paulo Freire que, afinal – independentemente de toda a filosofia tão clara que sustenta sua metodologia – é uma proposta de intervenção pedagógica. Isso me possibilitou a condição de efetivar um trabalho altamente consciente durante esses anos – mais de vinte – e esse era muito do significado que Paulo Freire passava: poder transformar. E me pareceu cada vez mais importante tratar de pesquisar para transformar, para propor essa intervenção – não-somente para conhecer, mas para propor um eixo de ação sobre o objeto de estudo.

Creio que essa foi uma preocupação fundamental, que se manteve durante muitos anos, e que de alguma maneira influenciou a escolha do estudo do processo de recepção dos meios, pois trabalhando com os telespectadores, a partir da recepção, pode-se verificar essa interação deles com os meios. Outros pesquisadores trabalham sob outros ângulos: com as indústrias culturais, com os sistemas de comunicação e obtêm conhecimento para intervir em outro nível. Mas se o objetivo for modificar e ao mesmo tempo influir no processo educativo das pessoas, a pesquisa de recepção é uma porta de entrada. Uma vez conhecendo os receptores e

suas interações, poder problematizá-las no sentido de Paulo Freire, tratar de melhorar essa interação para benefício dos próprios sujeitos. E por aqui creio que encontrei esta maneira de vincular o educativo com o comunicativo: pesquisar para intervir e propor estratégias que transformem e modifiquem as interações dos sujeitos com os meios. Esta é a minha principal preocupação.

Interessou-me, então, trabalhar com aqueles segmentos que estão envolvidos sobretudo com a educação de crianças, como a escola, os professores, a família, a casa como cenário de convivência cotidiana. Porque creio que a interação com a televisão não é um processo que se dá no vazio, no ar; é concreto. Manifesta-se, principalmente, através da família e, no caso das crianças, também na escola. Parecia-me que, tendo a preocupação de intervir, não podia somente tomar as crianças e tratar apenas de falar com elas, de fazer quaisquer tipos de oficinas. Era preciso uma estratégia educativa a partir da escola e uma estratégia pedagógica a partir da família. É por isso que me interessou investigar e também trabalhar conjuntamente com a comunidade familiar e escolar. E justamente a minha tese de doutorado tem a ver com a interação entre a escola e a família, relacionada à interação das crianças com a televisão, num contexto em que essa interação está mediada pela escola e pela família. É preciso trabalhar com as três instituições, a família, a escola e a televisão, para entender a dinâmica que se gera nos processos de recepção e as possibilidades para uma intervenção pedagógica nestas áreas.

RCE: *Esta sua postura teórica requer um trabalho metodológico de abordagem dessas três instituições bastante extenso. O senhor está desenvolvendo algum trabalho neste campo atualmente?*



Prof. Dr. Guillermo Orozco Gómez

Orozco: Sim, no projeto de pesquisa em que estou trabalhando, abandono um pouco, por um momento, as crianças como centro, como sujeito importante e retomo a família em si como uma organização, como uma unidade metodológica. E o que estou tratando de fazer é ver a recepção específica em um gênero televisivo: a questão das notícias. Como estas notícias são percebidas em termos individuais por cada um dos membros da família, como são conversadas e enunciadas pela família e, finalmente, como são percebidas pela família. E, em seguida, quais são os usos que a família dá às notícias.

Aquilo que me interessa é focar primeiro só no gênero e não na televisão, como foi minha primeira pesquisa com as crianças, e no gênero notícia. Porque me parece que uma das possibilidades de modificar a cultura política das pessoas em geral é ver se as notícias estão servindo como um estímulo para que os telespectadores tomem uma posição política frente aos fatos que es-

tão vendo na televisão, de que maneira a televisão está proporcionando estes reencontros dos fatos que são notícias, os quais, de alguma maneira, estão definidos como os mais importantes. Como isso está sendo percebido e como as pessoas estão usando isso para informar sua cultura política e, eventualmente, para uma participação considerável.

Interessa-me conectar a televisão como fonte de notícias, mesmo com todas as subversões na representação da realidade, com a unidade familiar, tomando a família como unidade de apropriação primária da televisão; verificar qual a percepção e o uso que os membros da família fazem da informação para sua participação ativa como cidadãos. A premissa é ver como, cada vez mais, as notícias falam aos telespectadores como sujeitos passivos, buscando entreter, divertir os telespectadores, dando-lhes espetáculos.

Os telespectadores encontram nas notícias mais e mais espetáculo, através do qual eles se situam como meros espectadores passivos. Sentem-se informados e aí está a trapaça. Os telespectadores sentem que cumpriram uma função social de responsabilidade porque viram o noticiário, mas o que viram foi ficção, drama, divertimento, riram, choraram como acontece nas telenovelas, mas transfigurado em notícia. E isso não só dificulta uma posição ativa e crítica frente ao que estão vendo, como também os afeta como cidadãos.

Participamos de uma pesquisa internacional com Klaus Jensen, da Universidade da Dinamarca, envolvendo países como México, Rússia, Israel, Dinamarca, Itália, Estados Unidos, Alemanha e Índia. Percebemos um tipo comum de abordagem

qualitativa em estudos de recepção, em nível internacional. Procuramos verificar as distintas recepções que as famílias fazem das notícias internacionais, para ver como se dá a reconstrução que cada país faz dessas mesmas notícias e qual é a postura que se dá no processo mental de percepção e apropriação ao se tomar uma posição frente a elas. Depois de terminar este estudo, demos início a uma pesquisa no México, com notícias nacionais e locais, com um referente muito mais próximo do que a notícia internacional, para ver na Capital e fora da Capital como acontece esse processo de recepção e como se dá essa interação não só no contexto geral do México, mas também nos contextos regionais do país.

RCE: *Este trabalho inicial está publicado?*

Orozco: Está por pouco. Há uma primeira publicação, é um capítulo do livro *Televisão e audiência: enfoque qualitativo*, que é uma primeira versão dos resultados da metodologia do projeto. O livro, com os outros estudos de caso, tratamento metodológico, tratamento comparativo, será publicado agora em 1998, em Londres. No último capítulo fazemos uma comparação dos resultados da pesquisa entre todos os países.

RCE: *Como o senhor vê as novas tecnologias na escola na América Latina?*

Orozco: Antes de dizer como entendo, gostaria de dizer como se está entendendo e porque me parece correto criticar esse ponto de vista. Na maneira como se está entendendo, há um suposto implícito de que a escola parou, está muito atrasada com relação aos aparelhos tecnológicos e que, então, a solução é trazer tecnologia para que a educação tenha êxito. Parece-me que existe um reducionismo, porque a educação não depende só das tecnologias e sim de muitas outras coisas.

Em segundo lugar, crê-se que as tecnologias têm um poder enorme para resolver qualquer tipo de problema. E isso não é verdadeiro. Se alguém perguntasse o que há para se modificar na escola, a resposta seria: a filosofia e a metodologia educativas, só assim se poderá aproveitar as novas tecnologias.

Parece-me uma posição ingênua, uma posição tecnocrática e muito reducionista a maneira com que se tem vinculado até agora, na América Latina, a tecnologia com a escola.

Creio que o primeiro ponto, a primeira distinção que colocaria é a necessidade de se fazer uma vinculação relevante para os estudantes, ou seja, partindo-se dos próprios estudantes e não da tecnologia. Entende-se que a tecnologia é necessária, que é através dela que a informação está na escola, que ela oferece possibilidades de destreza comunicativa, destreza cognocitiva. Mas, quais são suas expectativas, quais são suas limitações e possibilidades? Entendendo isso, pode-se ver como a tecnologia pode ajudar a resolver alguns dos problemas que a escola apresenta, e de que maneira se pode introduzir a tecnologia na escola para que ela realmente responda às necessidades próprias do lugar. É preciso inverter a questão, é preciso saber o que podemos fazer para o estudante, para o sujeito, para levar a pessoa a interagir; saber do que necessitam os estudantes e como a tecnologia pode colaborar para a sua satisfação.

As novas tecnologias também são um assunto político. Sobretudo as teleconferências, os programas de educação a distância, tudo isso acontece como manifestação política do Ministério da Educação, e não como prática educativo-pedagógica. Tratam de satisfazer a demanda da população pelo serviço educativo, levando sistemas de educação

a distância de que a escola não necessita. Podem levar a televisão como instrumento, pretendendo dar uma resposta política à demanda educativa de um país. O principal equívoco é, pelo menos no México, cumprir este objetivo político e não o pedagógico. Não importa a qualidade, não importa se os professores sabem ou não usar as tecnologias. Os ministros importam-se com as estatísticas, de que se está cobrindo a demanda, porque entregaram ou distribuíram, por todo o país, tantos computadores, tantas televisões e programas de vídeo, pois o que interessa é cumprir um objetivo político; não há interesse de que aquilo realmente funcione ou sirva.

Trata-se de uma questão de um pouco de consciência. É preciso, antes de tudo, que se leve em consideração um projeto educativo, que tenha em conta duas coisas: primeiro, o potencial real da tecnologia e o que é possível fazer para responder às necessidades dos educandos. Segundo, saber o que se tem de modificar na escola, no processo educativo, para realmente se fazer uma educação relevante para o estudante. Às vezes se fazem programas interessantes de introdução dos computadores na escola, como fazer para que eles funcionem etc., mas não se tomou muito cuidado em ver em que processo pedagógico se deve introduzir essa tecnologia, modificando o próprio processo pedagógico.

Não adianta a tecnologia reforçar o processo educativo tradicional. Isso não contribui. É preciso pensar na educação em primeiro lugar. Repensar a educação e repensá-la a partir das situações dos próprios educandos e, a partir daí, pensar um novo desenho do processo educativo, ver o replanejamento desse processo e verificar para que pode servir a tecnologia.

RCE: *Nesta linha, qual é o papel do professor na atualidade?*

Orozco: O papel que eu gostaria que tivessem os professores seria o de facilitadores de experiências e aprendizagem das crianças. Isto significa que o professor não é a pessoa que chega na aula e diz: *"Aqui está o livro, aqui está o vídeo, temos que memorizá-los, passar no exame, estão aqui para serem aprovados"*. Penso que um professor tem que ser, em primeiro lugar, provocador de experiências e de aprendizagem, para as quais podem ser muito úteis as novas tecnologias, a televisão em particular. Tenho procurado encontrar uma proposta para usar a televisão dentro de uma estratégia pedagógica de educação para os meios, tendo, no entanto, a televisão como preocupação central. Tem-me custado muito trabalho explicar aos professores que a televisão, com a estratégia de mercado deste momento, não é uma tecnologia educativa, não é um recurso didático que vai inserir imagens ao discurso do professor. Tento dizer-lhes que não podemos entender que a televisão tenha somente a possibilidade de colher imagens em movimento, de agregar imagens em movimento ao discurso seco do professor. Este tipo de recurso não creio que seja interessante.

Estou propondo que, a partir da televisão, qualquer programa que se traga para a classe, se discuta com os estudantes e se explicitem suas interações com esses programas. E, a partir daí, os professores devem procurar saber como são os receptores, como usam a televisão, como se apropriam dela. Os alunos podem, assim, aprender algo mais deles mesmos e sobre o conteúdo e as idéias que vieram desse processo. Dessa perspectiva, a televisão seria o primeiro pretexto para facilitar uma experiência de maneira muito mais didática, mais lúdica, ultrapassando o próprio meio. Por exemplo, trazer para a classe o jornal, ver a página

onde está a programação da televisão. As crianças quase nunca vêm esta página de televisão; vêm a televisão, mas não vêm a página do jornal com o conjunto da programação televisual.

Um dos exercícios que proponho para as crianças é assinalar os programas com as cores, marcando primeiro os programas que elas vêem. Depois, contam quantos programas vêm por dia, quantas horas, segundo o tempo de cada programa. Ou seja, aí estamos diante de um exercício de matemática. Depois começa-se a fazer uma classificação, os programas de que elas mais gostam, a que horas do dia são transmitidos, à tarde, à noite, em qual canal. Começa-se, então, a ter uma apreciação sociológica da oferta cultural da televisão; mostra-se que muitos dos programas que elas vêem são programas da noite ou em horários que não são para crianças, são para adultos.

Devemos discutir porque isso acontece. Tudo isso se faz com as cores, que são visualmente atraentes às crianças. É claro que esse exercício pode durar muitos dias, o que importa é que se tenha um espaço no qual se comente, possibilitando que todos comecem a pensar: por que neste canal não passa nenhum programa de que eu gosto? Por que este canal tem tal tipo de programa de que eu não gosto? Assim as crianças podem comparar quais são os canais mais apropriados para elas e quais são para os adultos. Depois têm que classificar, com outras cores, as telenovelas, os programas de ficção, os noticiários, os filmes e começam a analisar, através das cores, quais são os programas preferidos em cada um dos canais etc. Podem dizer, também, quantas são as ofertas de gêneros televisivos a que estão expostas. Podemos prosseguir pedindo às

crianças que vejam programas de televisão e que anotem a duração e o conteúdo das interrupções feitas pelos comerciais. Elas saberão quantos minutos há de comerciais e quantos minutos há de programação, para que se dêem conta do que realmente estão vendo. Então, teremos outra classificação: o que se anuncia na televisão; que tipo de anúncios existem; títulos de peças publicitárias etc. E porque umas coisas se anunciam e outras não. Este é um trabalho de reflexão do tipo social, que faz pensar: por que é que umas coisas vão para a televisão e outras coisas, não? Serve também para as crianças perceberem que tipo de gente está nos programas, se são ruivos, brancos, negros, mestiços e a aparência de cada uma das personagens. Tudo isso para se ter consciência do que está sendo veiculado.

Não se deve dizer: *“Veja, a televisão é má e vocês não vão assistir à televisão”*. Isso ninguém escuta. Os alunos têm que viver a experiência de descobrir por si mesmos o que está acontecendo, o que está sendo mostrado e como está sendo mostrado, e também o que está sendo omitido.

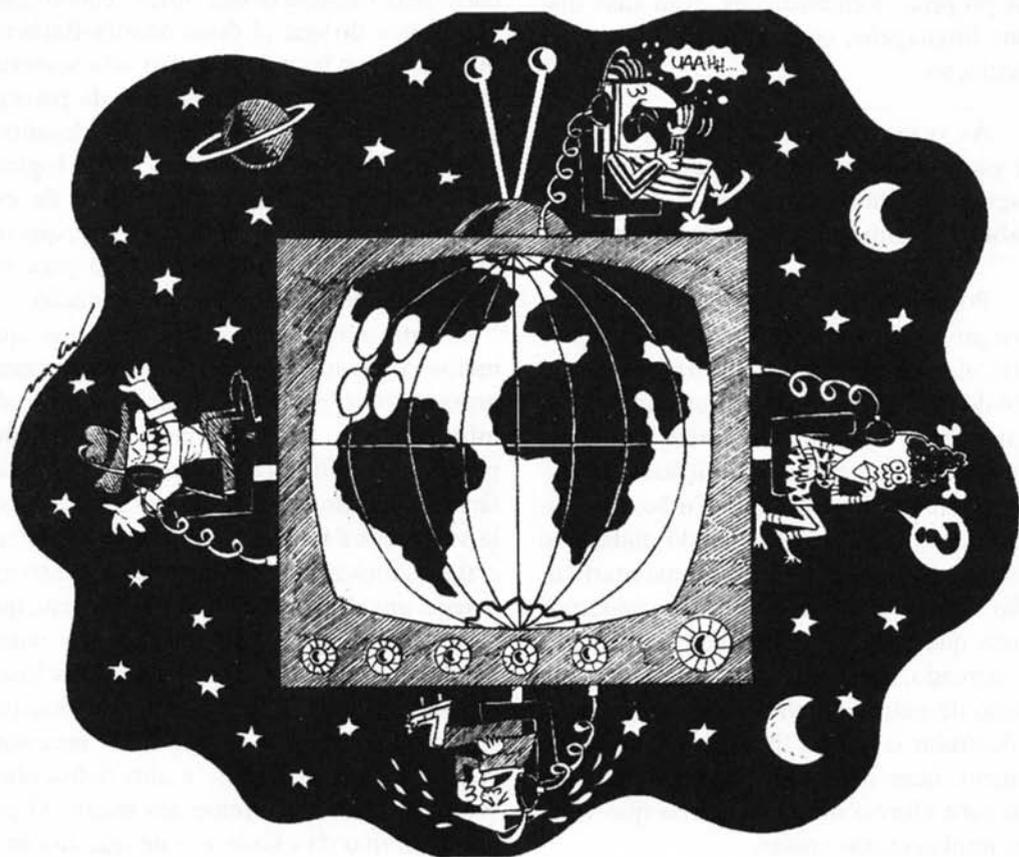
RCE: *Qualquer programa da TV pode ser um instrumento pedagógico? Como é isso?*

Orozco: Creio que quando se fala de um programa educativo, instrutivo da televisão, se fala de um programa que tem um objetivo explícito de ensinar algo, porém a definição de educativo, me parece, não está na televisão, está no receptor. A partir do receptor, o educativo pode ser qualquer coisa, desde o programa propriamente educativo até outro que nada tem a ver. O educativo se define pelo receptor, relacionado ao significado que ele encontra em um programa. A possibilidade de aprender é muito mais ampla que a possibilidade de ensinar. Às vezes aprendemos muito mais sem que

ninguém nos ensine e às vezes, quando alguém quer nos ensinar, não aprendemos, não queremos aprender. Isso está presente nas crianças, pois quando lhes pergunto: "Que é programa educativo para você? Que você pensa dos programas educativos da televisão?". Elas me dizem: "São os programas que, quando aparecem, eu mudo de canal". Esta é a definição: "Não gosto de ver programas educativos". Então, pergunto: "Mas você aprende com a televisão?". É claro que aprendem muitas coisas com a televisão. Elas estarão aprendendo, mas não no sentido que os professores ensinam nas escolas. Aí há um problema de definição e de entendimento da profissão, do papel do professor. Muitos crêem que o educativo é somente o que se ensina, o que

todos dizem que vale a pena ser ensinado às novas gerações. Acreditam que somente o instrutivo é educativo, sentem-se em competição com a televisão, porque a televisão não tem a pretensão de ensinar e, apesar disso, está ensinando, coisas boas e ruins também. As crianças, muitas vezes, aprendem mais com a televisão do que com os próprios métodos da escola.

Uma vez um professor me disse que a televisão não ensina, mas os alunos aprendem. Por essa afirmação devemos entender que a televisão não tem licença para ensinar, mas isso não quer dizer que não tenha uma instância educativa, e por aí se chega à problemática do professor com a televisão, que a trata de eliminar ao invés de aproveitá-la para seus próprios ensinamentos.



RCE: *Como você vê a relação educação, comunicação, globalização e mercado? Essas grandes categorias que hoje nós estamos pensando e repensando.*

Orozco: Eu assumiria estes quatro termos: comunicação, educação, globalização e mercado, a partir do que representam, ou seja, o que relaciona esses termos é uma rearticulação da ordem social e do intercâmbio social. Parece-me que a comunicação atualmente está muito sustentada em todos os meios pela tecnologia de informação. E isso coloca, à educação, múltiplos temários. Um é a alfabetização múltipla, pois a linguagem escrita já não basta com a proliferação de tecnologias, de linguagens e de expressões. Isso implica alfabetizar os estudantes para que sejam capazes de elaborar suas próprias comunicações, com suas distintas linguagens, com distintas lógicas de articulação.

Às vezes a escola nem sequer consegue ensinar no sentido tradicional da linguagem escrita e agora tem o desafio de alfabetizar com muitas outras linguagens.

Por outro lado, o que faz a globalização é privilegiar certos tipos de informações e articulações que são generalizadas para o resto do mundo e que são as que convêm para ampliar o mercado de certos produtos, para aqueles que estão na posição de ter estes produtos e estes serviços. Então, a orientação da articulação está sendo dada pelo mercado. E, parece-me, esta é uma rearticulação muito reducionista. Não podemos pensar que tudo está articulado em função do mercado, tem que estar articulado em função de outros objetivos, da convivência, de desfrutar o tempo livre, do intercâmbio humano, quer dizer, não estamos somente aqui para viver o mercado, temos que viver para muitas outras coisas.

RCE: *Pode-se afirmar que comunicação e educação constituem-se em um campo de atividade, de reflexão. Quais são as contribuições desse campo?*

Orozco: Vem-se falando, durante muitos anos, da vinculação comunicação e educação. Penso que a vinculação se dá em muitos níveis. Dá-se no nível dos macrossistemas educativos e comunicacionais; no nível das instituições concretas: a televisão, a escola, o rádio; e no nível do intercâmbio entre os processos comunicativos e os processos de aprendizagem. Parece-me que a articulação com a educação deve ser pensada pelo menos nestes três níveis, porque neles há distintas implicações. A implicação, no primeiro nível, é que os processos de aprendizagem se modificaram em grande parte pela existência das novas tecnologias. Um pouco do que já disse Martín-Barbero, que as novas tecnologias não são somente instrumentos, são modificadoras da percepção e da expressão. Isso abre um desafio à educação para procurar estas novas lógicas de articulação de conhecimentos e de expressões no campo do conhecimento, que requer uma múltipla informatização para reverter em aprendizagem e comunicação.

Em outros níveis, percebemos que meios como instituições têm um crescente protagonismo na definição da circulação da informação e a escola, como instituição, perdeu, em contraposição aos meios, importância e legitimidade. Cada vez mais a escola se encontra relegada como instituição social e os meios são os protagonistas. Isso me parece um desequilíbrio, a escola tem que recuperar o seu papel protagonista como instituição educativa frente às outras instituições culturais. E, para recuperar esse papel protagonista, a escola não necessita competir com os meios, e sim redescobrir seu papel distintivo frente aos meios. O papel distintivo da escola é o de questionar o

uso dos meios e a aprendizagem deles decorrente, ou seja, a educação para os meios é a maneira através da qual a escola pode recuperar seu protagonismo e ser relevante para todas as gerações. A escola tem que se dar conta do que está acontecendo com as crianças em suas relações com os meios de comunicação, porque se a escola competir com os meios, vai perder a batalha, como já está perdendo. O caminho não é competir e sim fazer uma aliança estratégica: servir-se dos meios e dar conta de questioná-los sobre a aprendizagem que proporcionam às crianças e, para ser realmente relevante, fazê-lo de modo que todos os estudantes se formem de maneira mais completa, autônoma e mais crítica.

É também necessário que haja vontade política por parte do Estado e da sociedade civil. É preciso fazer com que o Estado guarde e respalde espaços públicos, sobretudo as universidades, as escolas e as instituições públicas, através dos quais se responda ao crescimento dos espaços privados, que são excludentes para a maioria. É preciso que exista uma sociedade de direito, que trate de conservar espaços públicos de circulação, de conhecimento, de oferta cultural, de consumo cultural, que trabalhe para que não seja tudo mercado. Se não é possível eliminar o mercado, é possível, pelo menos, manter uma política paralela de se ter espaços distintos, não invadidos pelo mercado.

RCE: *Você falou em espaço público, você pensou ou você conhece alguma reflexão a respeito de que os meios, a veiculação dos meios e essa relação dos meios com os receptores é um novo espaço público?*

Orozco: Tenho sobre esse assunto algumas dúvidas. Creio que são espaços públicos parciais, no sentido de que os meios

trazem de fora, de muitos lados, uma série de informações e as oferecem aos receptores. Trazem o mundo e oferecem percepções deste mundo aos telespectadores. Nesse sentido, são um pouco públicos, porque trazem o que se externa, mas somente neste sentido. Digo que são pouco públicos porque a maneira como externam as coisas do mundo e a maneira de trazê-las é regida por uma filosofia mercantil, com uma mentalidade mercantil, onde não importa realmente abrir espaços múltiplos, e sim simplesmente abrir um espaço para atender o mercado, para ter maiores ganhos, maiores lucros. Os meios, majoritariamente, são privatizados, são cada vez mais privados. Os sistemas privados são regidos pela lógica mercantil, inclusive a organização de cada programa da televisão está feita de uma maneira que depois de três ou quatro minutos a seqüência permita que se ponham os comerciais para a população. Cada produto concreto leva a lógica mercantil e em todo o fluxo da programação, a cada 24 horas, prevalece essa lógica de ganhar audiência, consolidá-la e conquistar outras audiências para oferecer produtos.

Parece-me que é um equívoco, uma falácia pensar que os meios são públicos. Eles são simplesmente uma comunidade mercantil privada, trazem coisas externas que parecem ter uma dimensão do público, mas é uma dimensão marcada e generalizada por um critério muito claro e privado.

RCE: *Tecnicidade ou tecnicismo e mercado parecem constituir novas formas ideológicas, como pensar o campo da educação e comunicação tendo como parâmetro a construção da cidadania. Como o senhor vê isso?*

Orozco: Todos os intercâmbios e os seus distintos níveis são dependentes da tecnologia. Mas vale a pena negá-la, porque

parece que, para apresentar alternativas, temos que deixar de pensar nos meios, temos que pensar nas pessoas, nos sujeitos e isso mostra que o problema da vinculação da educação com a comunicação não é assunto de técnica, não é assunto dos meios, é assunto de um projeto educativo, de metodologia pedagógica, de filosofia educativa. Na verdade, estamos deslumbrados com a tecnologia. Creio que temos de conhecer a importância da tecnologia, mas deixá-la momentaneamente para repensar a educação, repensar os sujeitos sociais em seu contexto atual. Creio que alguns dos projetos concretos de educação para a televisão não conseguiram êxito, não foram institucionalizados pelo Ministério da Educação, no México, porque se consideram os meios como um recurso tecnológico, mas não como um objeto de reflexão, o que é muito distinto.

Por mais que queiramos vender-lhes esta idéia, de que a educação para a televisão é muito importante, não a compram. E não a compram porque pensam que não é valor dos meios. Os meios são para extensão, difusão, apoio tecnológico etc. Tem-se que descentrar estrategicamente a discussão dos meios, para centrar-se na filosofia que deve estar atrás da vinculação comunicação e educação. Por exemplo, nesse caso, a educação para os meios teria que ter muito mais, como disse Martín-Barbero, de alfabetização cultural, ou seja, uma alfabetização cultural múltipla, isso é o importante. Para isso devemos adaptar os meios, mas o objetivo é a alfabetização cultural múltipla de todos para podermos nos expressar em distintas linguagens, com distintas lógicas de articulação e podermos circular nossas próprias mensagens e não-somente recebermos as mensagens de outros.

RCE: *O papel que nós estamos exigindo que o professor desempenhe en-*

quanto um animador, um organizador, um investigador, me parece que é muito mais complexo do que o papel que hoje ele se capacita para exercer. Está aí também a necessidade de uma formação multidisciplinar, multiculturalista para o professor? Como você vê essa complexidade?

Orozco: Sim. É muito complexo e penso que é preciso trabalhar muito no desenho dos planos de formação para os docentes, tendo em conta o protagonismo dos meios de comunicação. Para mim o problema não é somente teórico e sim metodológico. Não basta preocupar-se com o tanto de cultura que o professor deve saber, que tanto de história, de disciplinas. O problema é que o professor tem que ser um grande metodólogo, para que, nessa medida, vá aprendendo, descobrindo coisas junto com os estudantes. Eu me preocuparia mais em formá-lo como um pesquisador. Dessa maneira poderia dar-lhe mais destrezas analíticas, destrezas de classificação, de observação, de recepção para que toda informação que tem, como adulto, possa acompanhar e provocar os alunos a partir de processos distintos de aprendizagem. Em suma, não quero dizer que as disciplinas não sejam importantes, mas deve preocupar-nos muito a preparação metodológica do professor, para que ele possa estar continuamente fazendo perguntas, comparando, analisando, refletindo, criticando, devolvendo as reflexões aos alunos, porque me parece que esse é o papel que, com as características atuais do conhecimento, deve ter um educador, porque não se pode dominar todas as informações, de todas as épocas.

Na América Latina, temos depreciado o metodológico. Aceitamos as grandes teorias, falamos de teorias e as comparamos com outras. Mas, não produzimos teoria a partir da própria realidade observada, porque cremos que isso não é fazer teoria.

Fazer teoria é falarmos com rigor, com uma metodologia de análise, dedução, inferências e sínteses, observações e classificações. Essas coisas não se ensinam na escola, ou, se ensinam, o fazem muito mal. Creio que aí estaria a sobrevivência do educador: tornar-se um metodólogo. Essa é minha opinião pessoal.

RCE: *Essa sua opinião vem reforçar a defesa de uma mudança na postura das universidades frente aos seus alunos, aos que a procuram. Pensando em América Latina, a partir dessa reflexão, qual é a contribuição efetiva que nós, latino-americanos, temos dado para este campo que se abre, para essa nova postura? Você vê contribuições efetivas?*

Orozco: Sou fiel admirador da obra de Paulo Freire. Creio que a maior contribuição mundial para a educação, na América Latina, foi dada por Paulo Freire. Seu último livro, *Educação para a autonomia. Educação para a responsabilidade*, sintetiza muito do pensamento anterior de Freire e que eu traduziria como educar a todos para a autonomia, educar para a responsabilidade e, diria, educar para a pesquisa. Creio que essa é a única maneira pela qual podemos dar algo relevante aos estudantes, as ferramentas para obter conhecimentos, para processá-los de maneira crítica e para que consigam expressá-los posteriormente. Uma outra coisa que não podemos esquecer, por isso a televisão está ganhando a guerra dos educadores, é que a televisão fala no nível das emoções. E a escola trata de levar o modelo tradicional. Como fazer que os professores possam interagir com os alunos em nível emotivo e logo passar do nível emotivo à reflexão racional, intelectual? O professor dificilmente se dá no nível emotivo com as crianças, então, não há intercâmbio e na televisão

sim, há intercâmbio. Esse é um problema, porque a educação para a televisão tem que levar os telespectadores a passarem da dimensão emotiva para a dimensão da reflexão; só assim é possível fazê-lo sujeito de sua própria interação com a televisão. Essa é a tarefa dos educadores dos meios: passar da dimensão emotiva, fazer interações com os meios para a reflexão, promover sua interação e vê-la de uma maneira reflexiva. Mas, na escola, o professor tem que aprender a trabalhar a dimensão emotiva, interagir e fazer com que os estudantes alcancem a dimensão racional.

RCE: *Como a escola pode se constituir em um espaço de expressão do pluralismo e da diversidade cultural existente em nossos países?*

Orozco: Realmente não sei como poderia constituir-se uma instituição assim. O que me ocorre é que à medida que se entabule um diálogo da escola com as demais instituições culturais, um diálogo crítico que faça alianças estratégicas com as demais instituições culturais e que a escola redescubra seu papel distintivo como uma instituição cultural à frente das outras e em conjunto com as outras, só assim poderá realmente ter um papel relevante para as pessoas.

Acontece que a escola trata de ser hegemônica, trata de ter a legitimidade educativa e despreza, deslegitima as outras instituições. Trata de mantê-las a distância ou de criticá-las. A escola tem que aprender que não é a única instituição na qual os estudantes aprendem, é uma a mais; que já perdeu o monopólio educativo, que já não o tem mais e que, se pretende recuperá-lo, tem de agir de outra maneira.

Ela deve posicionar-se como uma instituição cultural a mais e redescobrir o que a distingue em relação às outras instituições culturais. Esse é o papel que ela tem que redescobrir. Um dos meios é propiciar um diálogo com as outras e de alguma maneira avaliar e selecionar a produção das outras, tem que trabalhar sobre os produtos das outras instituições e sobre as operações dos estudantes com essas instituições, para recu-

perar seu papel relevante. Sem pretender ser a única. A instituição de educação não é melhor que as outras e nem vai ser. Tem que aprender a conviver, porque a escola esteve acostumada a ser a única, agora tem irmãos. Então, a irmã mais velha tem que saber que já não é a única, tem que compartilhar e ter algo interessante para dizer, porque, caso contrário, ninguém vai escutá-la.

Resumo: Em entrevista exclusiva à **Comunicação & Educação**, o Prof. Dr. Guillermo Orozco Gómez, pesquisador dos processos de recepção e do campo comunicação/educação, faz um breve relato sobre sua formação acadêmica; sobre seu interesse na educação para os meios, prioritariamente a inter-relação criança/televisão, a partir dos contextos da família e da escola. Dá seu ponto de vista sobre o papel da escola e do professor, ressaltando a necessidade de se repensar a sua formação. Destaca a prioridade das necessidades dos educandos para, a partir delas, utilizar-se as novas tecnologias na escola, invertendo, portanto, o que tem sido feito pelos governos. Fala da importância do Estado e da sociedade civil na criação e manutenção de espaços públicos, fazendo frente à ideologia da privatização e da mercantilização. Afirma também que a escola perdeu seu papel hegemônico na sociedade, precisando, para recuperá-lo, saber compartilhar e conviver com outras instituições culturais.

Abstract: In an exclusive interview given to **Comunicação & Educação**, Prof. Dr. Guillermo Orozco Gómez, researcher of the reception processes and of the communication/education fields, makes a brief report on his academic background; on his interest in education for the media, most especially on the interrelationship there is between children and television, based on the family and school contexts. Gómez gives his point of view on the role the school and the teachers have, stressing the need to rethink their backgrounds. He also emphasizes the priority of the needs students have in order to, based on them, use new technologies in school, inverting, therefore, that has been done by the governments. The author talks about the importance of the State and of the society in the creation and maintenance of public spaces, resisting the privatization and merchantableness ideology. He also claims that the school has lost its hegemonic role in society and that in order to recover it, it is necessary to know how to share and coexist with other cultural institutions.

Palavras-chave: Guillermo Orozco Gómez, educação, comunicação, televisão, escola

Key words: Guillermo Orozco Gómez, education, communication, television, school